

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento.

BRAGA—1 DE JUNHO

O Senhor D. Miguel de Bragança

O «Globo Illustrado», um interessante periodico de Lisboa, trazia ha dias um magnifico retrato do Senhor D. Miguel de Bragança, acompanhado do artigo que com a devida venia passamos a transcrever:

O Filho do nobre proscripto,—proscripto elle mesmo e criminoso desde o alvorecer da vida, graças a uma lei indigna d'um povo culto,—nasceu no castello de Heubach, a 19 de setembro de 1853.

O respeitavel octogenario e venerando bispo da Guarda, D. Joaquim José Pacheco e Sousa, sabendo que o sonho dourado do Snr. D. Miguel, era vêr-se cercado de portuguezes e de demonstrações de nacionalidade, no momento em que abrisse os olhos á luz o filho que Deus houvesse de lhe conceder, abandonou a Italia, onde se achava exilado, havia vinte annos, e emprehendeu a viagem atravez dos Alpes, para auctorisar com a sua presença o acto do nascimento, e administrar por suas mãos as aguas baptismaes ao futuro principe.

O nobre Prelado dava a sua entrada no palacio de Heubach, no dia 6 de setembro de 1853, sendo recebido com as distincções devidas á sua lealdade, virtude e jerarchia.

Dias depois, a 4 d'outubro, o principe recém-nascido, em meio de numeroso cortejo, era conduzido á capella do palacio, onde se devia celebrar o acto religioso, a que assistiram, além do Snr. D. Miguel e do Prelado officiante, muitos principes e personagens illustres, e entre estes os seguintes portuguezes:—D. Francisca Joanna do Vadre Almeida Castello Branco, conde de Bodadella, visconde de Queluz, D. Sancho Manuel de Vilhena, Salvador Correia de Sá, Dr. Frei José da Silva Tavares (*Sacra Familia*), o commendador de Malta, Augusto Antonio da Matta e Silva, o commendador Antonio Taveira Pimentel de Carvalho, Ventura Malheiro Reymão Marinho Telles de Menezes, e Antonio de Castro Lemos de Menezes.

Acabavam de ser coroados os desejos dos leaes legitimistas.

O Snr. D. Miguel respondeu á felicitação que lhe foi dirigida pelos portuguezes, então residentes em Heubach, nos seguintes termos:

«Meus bons e leaes portuguezes:

«Vejo nas vossas expressões, assim como no facto da vossa presença n'este logar, e por este motivo, mais uma prova d'aquella extremosa dedicação dos portuguezes que, fazendo a minha maior gloria, teem sido meu generoso auxilio na adversidade e meu constante incentivo aos deveres impostos pelo grande principio que represento.

«Aprouve á divina Providencia conceder-me um novo filho, o que significa, por mais de uma razão, que a todos se nos acrescentou a familia, visto que não tenho, nem quero ter outra senão a portugueza. Em conformidade com este pensamento, que me obriga a zelar a nacionalidade da minha descendencia, protestei á face da Europa... e renovo-o agora, com a mesma força e intenção, tomando-vos a vós por testemunhas, a respeito de meu muito amado e presado filho, o principe D. Miguel... e a todos os portuguezes voto sempre ardentes desejos de prosperidade...»

O Snr. D. Miguel de Bragança tinha um coração de portuguez, e eis a razão porque seu augusto filho, quando apenas contava nove annos de idade, via junto de si um dos mais nobres caracteres de esta terra, o finado Gomes d'Abreu, esse vulto austero que sabia alliar a corôa da sciencia com o sceptro da virtude.

Educado por este sabio portuguez, o augusto principe entra mais tarde no collegio dos jesuitas em Metz, d'onde se vê forçado a sair em consequencia da guerra prussiana, indo completar a sua educação no Tyrol austriaco.

O Snr. D. Miguel, vivendo tão longe da patria, tem sempre dado provas do maior amor aos portuguezes.

Este amor entranhado é herança de familia: ainda ha pouco a nobre condessa de Bardi, na sua visita a Portugal, acabando de ouvir missa na igreja do Loreto, dizia ao meu illustrado amigo e collega, o snr. D. Jorge Eugenio de Locio:—«Não sabe, D. Jorge, o que eu agora acabei de pedir a Deus? Que fizesse o mano Miguel digno dos portuguezes».

Quando, em 1864, o referido cavalleiro, no seu regresso á patria, perguntava ao snr. D. Miguel o que queria para Portugal, recebia em resposta estas significativas palavras:—«Visitas aos portuguezes, a todos os portuguezes sem excepção».

D. Miguel de Bragança é um caracter nobre e sympathico, inimigo do fausto e da adulação.

Quando o nosso mimoso poeta, o snr. Antonio Pereira da Cunha, visitava-o—então—discipulo do collegio de Metz, ouvindo o discorrer com o maior acerto a proposito de governação publica, dizia-lhe com aquella lhanza e verdade que caracteriza o auctor da *Selecta*:—«Meu senhor, dou-me por bem pago do incommodo que tive, vindo aqui, e do risco em que puz a minha deteriorada saude: desejava que o ouvissem todos os portuguezes»...

Porém o nobre principe, que não conhecia, de certo, a austeridade quasi spartana do seu interlocutor, dava-lhe em resposta:—«Pereira da Cunha, peço-lhe que não me diga cousas que me possam lisongear, porque nada é tão prejudicial a um principe como a lisonja».

Os actos do Snr. D. Miguel teem demonstrado até á saciedade que era digno d'um throno, se um throno não fosse a sua herança.

Cavalleiro esforçado, commetteu a temeridade de vir a Portugal para vêr o ninho seu paterno; amigo dos portuguezes, quiz vêr muitos portuguezes reunidos e, aproveitando um ensejo favoravel, a Sacavem, onde assistiu a uma corrida de touros; admirador de tudo quanto é portuguez, entendeu e entendeu bem, que não descia da sua dignidade, entrando n'uma fabrica de louça (no largo do Intendente), para fazer uma encomenda de azulejo, desenhando elle proprio os emblemas que desejava.

No seu regresso a Menton, escrevia a alguns dos seus fieis amigos, celebrando com o maior entusiasmo as bellezas d'este solo abençoado, e os costumes suavisimos do povo portuguez.

Lisboa, 14 de maio de 1880.

João M. M. de Seabra.

Com o titulo de *Apostolado da imprensa* o excellente jornal catholico de Madrid «La Fé» publica um optimo artigo que vamos transcrever:

Mui poucos catholicos ha em Hespanha que conheçam a Imprensa e o Apostolado ou antes a Obra de S. Paulo, que, inspirada pelo Ceu em 1874, ao conego Schorderet, residente em Friburgo, foi installada em Paris, merecendo as bençãos de Pio IX e Leão XIII em breves de 24 de julho de 1872 e 26 de março de 1879. Lemos com summo gosto o interessante opusculo publicado pelo director da mencionada obra, e d'elle vamos extractar as principaes ideias para que a nossa catholica Hespanha as conheça, aprecie e applique na medida do seu zelo e caridade, se quer salvar-se dos eminentes e sombrios perigos do futuro.

Ha tres seculos que os nossos inimigos empregam a imprensa como um instrumento d'effeitos inevitaveis e seguros, contra a Igreja de Jesus Christo.

As sociedades secretas lhes proporcionaram vasto campo d'acção com immensos recursos; e a innegavel influencia da imprensa lhes serve para destruir o mundo religioso, moral e social.

Toda a terra está cheia de periodicos, folhetos, livros grandes e pequenos, de preços summamente economicos, muitos dos primeiros rancorosos, nescios, vis, asquerosos, e alguns escriptos com talento contra Christo e a sua sublime doutrina.

Os folhetins da imprensa que envenenam a familia, destruindo o espirito da fraternidade, os artigos licenciosos que lê todos os dias o povo ignorante e sem criterio, artigos que adulam suas paixões e promettem prompto remedio aos seus males, com quanto suscitando o odio no seu coração, activando o fogo das suas paixões, armando o seu braco com o punhal e o facho incendiario, todos estes males ameaçam o mundo moderno.

Imprimem-se por anno em França nove milhões de escriptos maus e todos os dias só em Paris um milhão e quatrocentos mil diarios, dos quaes só cincoenta e seis mil são catholicos, o que quer dizer que Paris lança contra nós todos os dias um milhão, trezentos e cincoenta mil periodicos, que, á semelhança d'uma formidavel avalanche, caem sobre as cidades e provincias, produzindo funestissimos estragos.

Todos os potentados modernos como Bismark, que dispõe de centenaes de periodicos sustentados por enormes subvenções do governo, comprehenderam bem o poder da imprensa, da qual dizia Napoleão I, habil conhecedor dos homens e das instituições: «quatro jornaes causam mais damno que cem mil homens em plena campanha».

Ha tempos o mencionado conego francêz Schorderet imprimiu em Friburgo publicações boas para neutralisar, em parte, tantos estragos.

Seis operarios escolhidos pela interccional, que se jacta publicamente de poder, se quizer, impedir os catholicos de escreverem uma só linha na Europa, ameaçaram-n'o com a cessão de trabalho e outros males, se elle não annuisse ás suas exorbitantes pretensões, que arruinavam a sua imprensa. Occorre então a este respeitavel sacerdote substituir os operarios por um pessoal feminino, docil e activo. Sabe que em Lyon havia uma imprensa onde se lhes ensinava o officio, e parte para aquelle logar com sete jovens instruidas e piedosas e com decidida vocação para uma vida de trabalho e devoção. Porém antes, visita com sua pequena colonia, em Ferney, o grande Bispo, o illustre desterrado Monsenhor Mermillod, que acolhe benevolmente o seu projecto, approva-o e abençoa aquellas jovens hu-

mildes e fervorosas, novos apostolos para a regeneração do mundo.

Póde alfim cumprir os seus desejos depois de muitos trabalhos e penosos contratempos, sem que se suspendesse nem um só dia «A Liberdade», valente periodico catholico que elle dirigia. Pouco a pouco, a nova Obra, que se chamou de S. Paulo, estendeu os seus trabalhos, e a Divina Providencia lhes proporcionou recursos para comprar uma casa e estabelecer uma nova imprensa-eschola de instrução das jovens compositoras.

Aos insultos e pedradas dos internacionalistas responderam as operarias com o silencio, o sacrificio, o trabalho e a oração; e a directora, vinda de Reban, dotada de bom talento e excellente coração, não quiz retribuição alguma por seus trabalhos de servir a Jesus Christo; e as vocações multiplicaram-se, e o bom Conego pôde enviar a Pariz uma pequena colonia que, apenas chegou a esta cidade, visitou Montmartre, collina santificada pelo heroico Santo Ignacio e seus companheiros tres seculos antes, e, como estes esforçados varões, pediram tambem valor e perseverança no serviço de Jesus Christo. Immensos trabalhos passaram no principio por falta de recursos; mas depois celebrou-se um contracto para a composição da «França Nova» e a impressão dos «Annaes Catholicos».

O Presbytero Martin, que se consagrou a esta obra sob a direcção do Conego de Friburgo, pôde comprar um terreno na rua de Lille pela quantia de setenta mil francos pagaveis em 3 annos.

Sob a honrosa presidencia de Monsenhor de Séguir, valente defensor dos interesses catholicos, constituiu-se um comitê de homens e senhoras respeitaveis, com o fim de proporcionar á nascente imprensa subscrições e donativos, e a propagação dos seus impressos.

Os resultados corresponderam perfeitamente ao seu zelo, e comprou-se terreno e collocou-se a primeira pedra em 1877, concluindo a edificação rapidamente e pagando-se pontualmente com os donativos catholicos todas as despesas de construção, de compra de impressas e demais misteres, que ascenderam a quinze mil francos. Desde então não lhes faltou trabalho, e as bençãos papaes e episcopaes consolidaram esta Obra que teve um protector nomeado por Sua Santidade, o Cardeal Barocchi, Arcebispo de Bologna.

M. Baudou, presidente geral das Conferencias de S. Vicente de Paulo, remetteu-lhes um donativo de dois mil francos e uma carta ao presidente da Obra, na qual demonstrava palpavelmente a necessidade que os catholicos teem de contribuir com seus recursos para a sustentação da imprensa, como fazem na Alemanha, considerando isso como uma das suas principaes e mais meritorias boas obras.

«A imprensa catholica—diz—é o ponto de partida da luta em defeza da fé; e se ha dinheiro para reconstruir velhas abbas e conventos, deve haver-o para destruir os arietes infernaes da má imprensa que tanto contribue para a sua demolição».

Muitos Bispos de França e do estrangeiro recommendaram a nascente obra, e por primeira vez o revd. Padre Marquiny, da Companhia de Jesus, pronunciou do pulpito elogiando-a um magnifico discurso na igreja de S. Roque.

Finalmente o nosso Santo Padre Leão XIII acolheu benignamente o Conego Schorderet, abençoou-o e enviou um Breve a

Monsenhor de Segur, presidentes e membros dos comités da Obra, animando-os a proseguir seus trabalhos. Esta Obra conta hoje a aprovação de mais de oitenta Cardeais, Arcebispos e Bispos, e as adhesões dos congressos catholicos de Roma, Suissa, Chartres, Soissons, Bruxellas e Angers.

Estas benções produziram os seus naturaes resultados, e a *Obra de S. Paulo* teve um donativo de cento e cincoenta mil francos, com os quaes pôde fundar a sua terceira casa, comprando em *Bar le Duc* a imprensa chamada dos *Celestinos*, onde se imprimiram os *Pequenos Bolandistas* e os *Annaes de Baronio*.

As humildes operarias que se propuzeram sobrenaturalisar o immenso poder da Imprensa e trabalhar primeiro que tudo em santificar-se a si mesmas, não só ellas senão todos os membros da Obra, teem o seu regulamento, e realisam os desejos que previu S. Francisco de Salles:

«Oh! quanto me alegraria—dizia elle—se pudesse ver na Igreja de Deus uma associação de mulheres sem outro dote mais que uma boa vontade, ganhando a sua vida com o trabalho de suas mãos, e sem outro coro que a sala de seu labor, para que todas participassem da felicidade de que falla o Propheta:—«Sereis bem-aventuradas se comederdes do producto do vosso trabalho».

Sem embargo, a obra de S. Paulo reclama hoje a união dos catholicos, união que não ha, porque o *particularismo* nos devora, e é um dever de consciencia organizar-nos sem desanimarmos, aprendendo dos nossos inimigos que o fazem d'uma maneira infinitamente superior á nossa, e por isso triumpham.

Empregamos mal os nossos recursos; não ha firmeza nem segurança em nossos meios de informar o publico; vemo-nos obrigados a recorrer aos nossos inimigos, que nos fazem pagar a mentira e a verdade a peso d'ouro.

Que força d'auctoridade pôde ter um artigo de periodico cujo fundo procede de um telegramma suspeito ou de um periodico impio? Que unidade de ideias e sentimentos pôde existir quando cem correspondentes remetem suas noticias tomadas de tão diversos dias? Necessariamente faltará a união em nossos movimentos de ataque ou defeza, e a opinião publica permanece insensivel aos nossos imponentes esforços.

Muitos dos nossos periodicos publicam os despachos telegraphicos quando são sabidos em quasi toda a parte. Não é possível, pois, ter grande assignatura, que hoje, mais que nunca, são primeiro que tudo avidos de noticias.

FOLHETIM

AS VENTURAS DA RIQUEZA

(Continuação)

Emquanto estava n'estas disposições de espirito, um novo pensamento lhe passou pela cabeça e disse em tom mais socegado:

—Quando eu era simples homem d'officio, soccorria a pobre viuva da esquina segundo os meus meios. Tinha tanto dó dos seus infelizes filhos que muitas vezes desejei ser rico para lhes poder valer. O seu defuncto marido era o meu melhor amigo, e prometti-lhe, no seu leito da morte, fazer bem aos seus filhos. Agora sou opulento, posso cumprir a minha promessa. Ah! Mas quanto hei de eu dar á pobre viuva? Cincoenta florins? E' muito. Gastariam a somma em coisas superfluas, e depois, se eu vou a gastar assim, estou arranjado. E para que? para talvez fazer ingratos. Se eu lhes desse dez florins? Parece-me que é bastante. Nunca viram tanto dinheiro junto na sua vida. E depois é para os não costumarem á mendrência. Não devo animar a mendicância.

O limpa-chaminés calou-se e ficou engolphado nos seus pensamentos. Em breve uma expressão de horror se lhe pintou no rosto:

—João, meu rapaz, murmurou elle em tom severo, quando eras pobre, deste-lhe aos poucos mais de dez florins. Para isso ás vezes deixaste de ir beber a tua pinga com os amigos. Que horrivel pensamento! Se a riqueza me tornava sovina e descompassivo! Não! Leve a breca o egoismo! Hei de pôr de parte cincoenta florins para a viuva, e dou-lhe uma porção todas as semanas. Talvez Deus para me recompensar, me torne mais leve a riqueza, e me

Os nossos inimigos sabem melhor o que fazem.

A um signal dado pela Agencia Havas ou por um dos seus periodicos encarregado de dirigir occultamente o movimento, partem as suas calumnias, redobradas e concentradas, que repetem mil vezes os echos de todo o mundo; e um homem, antes de ser julgado, fica desprestigiado e deshonrado pela mentira.

Entretanto não nos lamentemos inutilmente; sustentemos com nossos recursos a boa imprensa; oremos muito por ella, pois pouco ha quem o faça, e não esqueçamos que o jornalismo por si só não converterá o jornalismo, assim como a philosophia não corrigirá os costumes, nem a philantropia adoçará as pungentes amarguras da pobreza.

Sejam caritativos, porque a caridade é o amor, e a caridade é Deus.

A imprensa catholica só pôde viver da caridade, acompanhada do espirito de oração e de sacrificio da abnegação, da santidade e do apostolado.

Confiamos estas uteis e magnificas lições ao reconhecido zelo de nossos correligionarios e de todo o catholico hespanhol que se interesse verdadeiramente pelo triumpho da verdade.

Oxalá que estas linhas produzam algum resultado, já despertando a adormecida actividade, ou suscitando homens de valor e perseverança que consagrem a isso toda a sua vida!

Com este intuito rogamos aos nossos collegas a reimpressão das mesmas.

A epocha vae tão safara de livros propicios á causa da moralidade; tão avara de escriptos, onde a ideia do util e do honesto se manifeste, com todo seu esplendor, ás turbas avidas de lições, que as amestrem no caminho do bem; tão pobresinha de verdadeira illustração, a despeito do seculo se denominar, por excellencia, das luzes, que a publicação de um opusculo, vasado no molde da antiga, e sã litteratura nacional, é um acontecimento tão raro, como de applauso para toda gente, que devéras quer aos bons costumes publicos, e deplora que a nobre lingua de Barros, e de Vieira se ostente agora, na propria patria d'elles, a gerner com o peso de phrases extranhas. Como se o bello idioma de Bernardes, e de Lucena, carecera de ir mendigar fóra termos, com que possamos exprimir qualquer ideia!

E um dos alludidos casos deu-se ha poucos dias. Refiro-me ao folheto a *Decadencia da Arte Dramatica em Portugal*. Não pretendo fazer a critica do men-

cionado opusculo. Mero leigo da communiidade dos escriptores d'officio, não nutro, por certo, a balofa ideia de me elevar á altura dos que, pela sua intelligencia, e estudo, podem, sem receio, atirar aos ventos da publicidade o seu voto, de muito preço, sobre o merito, ou demerito do auctor de uma obra litteraria qualquer.

Todavia, embora a mingoa do meu cabedal litterario, assiste-me, sem duvida, o direito de mostrar se me agradou, ou não o opusculo recentemente publicado pelo snr. Silva Vianna.

E sem mais delongas, e já, vou dizer que julgo digno da luz publica, e do acolhimento, que tem tido, entre todos os caracteres probos, o referido opusculo.

Talvez, decerto, muitos refusem os principios, que transluzem n'elle, e talvez apregoem que a ideia é fossil, que a fórma se não coaduna com a magestade, e a elegancia do estylo, e dicção dos actuaes Titos Livios, e Horacios cá de casa; o opusculo, porém, do snr. João Vianna, a *Decadencia da Arte Dramatica em Portugal*, hade merecer sempre a boa sombra do publico illustrado, e honesto, porque denunciando a origem do mal, que assoberba actualmente os theatros nationaes, a fustiga deapiedadamente.

Ella não é outra senão a gangrena moral, que ahí está a produzir incalculavel damno no corpo social.

Bem haja, pois o snr. João Vianna, embracando o escudo para defender gentilmente as boas ideias; quando castiga, sem dó, a corrupção moral que lavra no paiz, ao qual o auctor da *Decadencia da Arte Dramatica em Portugal* acaba de prestar um bom serviço.

Não terminarei, contudo, sem observar que a decadencia, irrefutavel, da arte dramatica, não se deve apenas ás empresas; deve-se a ellas, aos auctores, aos actores, ás plateas, e mormente aos governos, e aos seus commissarios.

O publico applaude, porque se deleita com um nectar suave, mas deletério, a que o habituaram a má educação, o indifferntismo religioso, e os pessimos exemplos; os auctores, porque constituem a sua sua penna, no intuito de tomarem tambem parte no concerto de lamentaveis inconveniencias, direi ainda, de phrases, e gostos em completo divorcio dos principios de sã moral, a que o publico assiste nos theatros de Lisboa; os actores, porque se prestam a offerecer aos espectadores aquella bebida venefica; os governos, porque teem ouvidos, e não querem ouvir, e olhos, e não querem ver; os commissarios, porque estão nos seus

camarotes presencendo os escandalos, e fazem ouvidos de mercador.

Ora, tudo isto sabe, tudo isto sente, tudo isto denuncia, fidalgamente, o snr. Silva Vianna, cuja estreia, na imprensa periodica, foi no jornal «*Nação*», onde, por muitas vezes, e em mui verdes annos, fez publicar os seus folhetins sempre inoffensivos e respeitadores das ideias d'aquelle jornal, embora, infelizmente, já então militasse n'um dos campos oppositos á bandeira d'Ourique.

Perdoe-me o auctor da *Decadencia da Arte Dramatica em Portugal*, se no que deixo dicto offendo a sua proverbial modestia; mas heide sempre prestar homenagem ao verdadeiro merecimento.

Jo que tenho escripto sobre o alludido opusculo, não se deprehenda, porém, que eu applauda tudo quanto n'elle li. O snr. Vianna, seguindo os preceitos da sua eschola, não perde o aso de belliscar no jesuitismo, e na reacção. Não appaudo, e pela razão muito simples de entender que o melhor elogio que se pôde tecer a favor da Ordem de Jesus, é dizer que ella é perseguida implacavelmente pelos filhos da revolução, ou liberalismo.

Francisco Manique.

GAZETILHA

Mez Eucharistico. — Nos templos dos Remedios, Penha e Therezas começou hontem a piedosa devoção do Mez Eucharistico.

Procissão. — Terminou o triduo na Cathedral, com uma esplendida procissão que percorreu o itinerario da do Corpo de Deus.

O prestito, aberto por uma banda de musica, era formado por todas as confrarias da Sé, irmandades de N. Senhora da Ajuda e N. Senhora do Ó, comunidade de S. Caetano, etc.

Numerosos anginhos ricamente vestidos a abrilhantavam.

O Santissimo era conduzido pelo rev.^{mo} conego José Gomes Martins.

Conclusão do Mez de Maria. — Teve hontem logar a conclusão da poetica devoção do Mez de Maria nos templos onde, como prenotiamos, se fizeram os exercicios, á excepção da Senhora A Branca e S. Victor.

—Nos Remedios foi o solemnidade feita com a pompa costumada e na fórma porque annunciamos em o n.^o precedente.

—No Populo foi tambem feita com grande esplendor, havendo de manhã comunhão geral e missa solemne por mu-

Effectivamente soavam na escada passos de homem, e de ahí a um instante bateram com muita força á porta do quarto.

Com a cabeça perdida, Smet abriu com violencia a janella que deitava para a rua, e gritou:

—Soccorro! soccorro! ladrões! assassinos!

E, para acordar mais depressa os vizinhos, accrescentou:

—Fogo! fogo!

Viu ao longe duas pessoas, que, ouvindo os gritos, partiram a correr.

A' porta da alcova ouviu-se uma voz anciosa:

—Meu pae, abra, meu pae! Ha fogo em casa?

—Sempre és um doido! resmungou a tia Smet. Ahí está Paulo! Abre-lhe a porta depressa, meu tonto.

—Onde é o fogo? perguntou Paulo assim que se abriu a porta.

—Não é nada... fui eu que sonhei, balbuciou o pae.

—Ora diga-me, o que vem a ser isto? disse o mancebo com surpresa. Parece que andam por ahí almas do outro mundo. Eu ainda não pude pregar olho. Os ratos fazem um barulho, que parece que estão damnados. Ouço vozes cá em baixo, cadeiras a cair, gritos de «ladrões! fogo».

E quando venho todo afflicto, dizem-me que não foi nada. Ora, com o devido respeito, parece que o pae está a brincar.

Smet deixara se cair n'uma cadeira, e mal respirava suffocado pela commoção de terror que o ferira.

Houve um instante de silencio durante o qual Paulo esperou uma respeitosa com espanto.

(Continúa)

Estava já Smet com os olhos esgaçados, e tremendo a ponto que lhe oscillava o candieiro na mão, quando ouviu passos que se affastavam e uma voz rouca de bebado a cantar:

Passa-se bem na taverna
Lá um homem folga e ri!
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

—Maldito bebado, resmungou o tio Smet. Vadio! Já não ha policia; pois os ricos é que pagam á policia. Por conseguinte os ricos deviam dormir descansados.

Depois de ter ainda escutado algum tempo, com o ouvido grudado á janella, apagou o candieiro, subiu devagarinho a escada, metteu a chave na algibeira de sua mulher e deitou-se vestido em cima da cama.

Afinal adormeceu, e durante meia hora não deu outros signaes de agitação que não fossem movimentos convulsos dos braços e das pernas.

De repente ouviu-se um barulho no sobrado, como se alguma coisa tivesse caído no chão.

Smet acordou em sobresalto, deu ainda estremunhado um pulo para baixo da cama, e tropeçou n'uma cadeira que foi ao chão com muita bulha.

A mulher acordou, e gritou encolerizada:

—Tu tens o diabo no corpo? o que foi isso?

—Ladrões, disse elle com voz tremula. Onde está a espada?

—Estás a sonhar, disse a mulher zombeteando. Julgas que os ladrões farejaram o dinheiro?

—Estão no sótão, ouve, ouve! murmurando Smet, pallido de susto, com os cabellos em pé, e apontando para o tecto.

sica vocal e instrumental, e de tarde sermão pregado pelo distinto orador, o sr. padre João Antonio Velloso, que se houve com aquella proficiencia a que estamos acostumados a esperar da sua piedade, eloquencia e erudição.

Foi encerrada com *Te Deum* solemne. —Na capella de S. Miguel-o-Anjo houve a consagração do Mez de Maria, com missa cantada, e de tarde Ladainha a instrumental, — solemneidade promovida por tres devotos.

—No templo da Senhora A Branca houve communhão geral no dia 30, e hontem uma segunda communhão, e consagração á SS. Virgem. A festa far-se-ha no dia 20 do corrente. Foram muitas as prendas offertadas á milagrosa Imagem da Senhora, durante o mez findo, e algumas de grande valor e merecimento.

—Em S. Victor tambem a festividade é feita mais tarde, no dia que opportunamente annunciaremos.

Graça.—Acaba de ser agraciado com a commenda da Conceição, o sr. Domingos José Ferreira Braga, genro do habil facultativo o sr. Manoel Marques da S. Pereira.

Venda de lá mais essa albarda.—O deputado por Chaves acaba de apresentar na camara electiva uma proposta para que o governo fique auctorizado a mandar construir o caminho de ferro de Famliação a Chaves, por Guimarães e Fafe, e um ramal que ligue Chaves com o caminho de ferro do Douro por Villa Pouca de Aguiar a Villa Real, levantando para isso os fundos necessarios.

Ora isto traduzido literalmente diz: — a morte da terceira cidade do reino.

Ficamos entendidos, e cá esperamos.

Festividade do Coração de Jesus.—Na sexta feira terá lugar na igreja do Collegio a festividade do Santissimo Coração de Jesus, havendo de manhã missa solemne e Exposição do Santissimo e de tarde sermão por Monsenhor Rebello de Menezes, e *Te Deum*.

Chegada.—No comboio das 11 horas da manhã d'hontem chegou a esta cidade o ex.^{mo} dr. Manoel Joaquim Penha Fortuna, illustre deputado por este circulo.

S. ex.^a foi esperado na gare por grande numero dos seus amigos pessoas e politicos.

Trezena.—Começa hoje a Trezena de Santo Antonio na capella da Praça Municipal.

Provinimento d'egrejas.—O rev.^o Joaquim Barbeitas Pinto foi apresentado na igreja parochial de Bella, concelho de Monsão, e o rev.^o Antonio José Rodrigues, na de Faia, concelho de Cabeceiras, ambas d'esta diocese.

Operação.—Retirou ha dias para a terra da sua naturalidade, Anna Ferreira, do concelho de Vianna do Castello, que no dia 16 de maio foi operada d'um cancro no peito pelo ex.^{mo} Alfredo Alves Passos, habilissimo facultativo d'esta cidade e digno filho do famigerado operador ha pouco fallecido, Alves Passos.

Com tanta felicidade e pericia correu a operação, que em menos de quinze dias a doente se viu no gozo de perfeita saude.

Lá diz o povo, e diz bem, na sua adoravel singeleza: — Filho de peixe sabe nadar.

Atravez da provincia.—Segunda-feira, 24 do passado, no momento em que, pelas dez horas da noite, passavam num carro no largo da Regeneração, da villa de Ponte do Lima o sr. Antonio Fernandes de Mattos e familia, voltou-se-lhes o carro em que iam, que era apenas tirado por um unico cavallo, ficando mais ou menos magoadas as pessoas que n'elle vinham, não havendo ainda assim, felizmente, nenhuma desgraça de maior vulto a lamentar.

—Dizem de Vianna: — Tem sido de grande proveito para a agricultura esta temporada de calor. As uvas entram já a purgar, e se n'esta crise não correr adversa a temperatura, parece que teremos um anno abundante de vinho. As searas estão boas, e os milhares muito promettedores.

—Aham-se terminadas as obras de estucamento da capella do SS. na Collegiada de Barcellos. Ficaram muito bem acabadas.

—Durante a semana finda em 22 do corrente deram-se á sepultura nos cemiterios publico e da Ordem Terceira da cidade de Vianna os cadaveres dos seguintes individuos:—Rosa Rodrigues, 35 annos casada; Eusebio Pinto de Moura, 12 a.; José Augusto Malafaia da Costa, 14 m.; todos da freguezia de Santa Maria Maior, d'aquella cidade.—Rosa da Cruz Vives, 85 a., viuva.; Joaquim da Cruz Vian-

na, 2 m.: ambos da freguezia de Monserrate, da mesma cidade.—Maria Josepha, 76 a., v., de Balogães, concelho de Barcellos.

—A camara municipal do concelho de Barcellos resolveu na sua ultima sessão, acceder ao convite que lhe foi dirigido pela commissão da imprensa para se fazer representar nas festas do Centenario de Camões, e delegará para isso o seu presidente o ex.^{mo} sr. dr. José Novaes.

Condessa de Chambord.—Refere o «Boletim da Corte de Vienna», que a Augusta Esposa de Henrique V regressou a Goritz depois de ter estado alguns dias em Gratz.

A senhora condessa de Chambord esteve hospedada em casa de seus sobrinhos D. Affonso de Bourbon e Este e D. Maria das Neves que residem no seu palacio de Graben, proximo a Gratz.

Sua Magestade D. Maria Thereza Beatriz todos os dias visitou o convento do Carmo d'aquella cidade onde está recolhida sua Augusta irmã Archiduquesa de Modena, Austria, mãe de Carlos VII. —E.

Sentimos.—Segundo refere a «Nação», continúa gravemente doente o ex.^{mo} sr. D. Sancho Manoel de Vilhena. A medicina ainda não perdeu as esperanças, e nós para as robustecermos oramos ao Senhor, pedindo-lhe a conservação de uma vida tão preciosa.

Centenario de Camões.—Eis o extracto do programma dos festejos, com que os alumnos da Universidade deliberaram comemorar o passamento do grande epico:

Os dias 8, 9 e 10 de junho serão considerados para a Academia dias festivos.

No dia 8 haverá uma serenata Academica musical, a qual percorrerá, pelas 9 horas da noite, as ruas da cidade.

No dia 9, pelas 8 horas da noite, será inaugurado o retrato de Camões no gabinete de leitura do Club Academico e em seguida haverá no theatro Academico um sarau litterario, no qual discursarão sobre assumptos apropriados ao acto, todos os oradores que se dignarem inscrever.

No dia 10 será a inauguração do monumento a Camões na Alameda da Universidade pelo dignissimo reitor da mesma.

A noite terminarão os festejos com illuminação a luz electrica no largo da Feira até ás 3 horas da madrugada, musica etc.

—Está já sendo aberto na Alameda da Universidade, o cavouco para o monumento que a Academia vae erigir em honra do grande Camões.

Morte do cardeal Pie.—No dia 18 do passado uma noticia dolorosa se espalhava por toda a França com a velocidade do relampago; morria um cardeal illustre da Igreja Romana, uma das glorias da França christã: era sua em.^a o cardeal Pie, bispo de Poitiers. A inspirada penna de Luiz Veillot dedica-lhe as seguintes linhas:

«Uma grande dôr acaba de ferir a Igreja de França: o eminente cardeal Pie é morto. Tinha ido ter com o seu collega, o bispo de Angoulême, ao dar começo á sua vida pastoral, e sua saude gravemente compromettida desde algum tempo, parecia querer restabelecer-se. Antes de tomar alguns instantes de repouso, havia elle presidido a uma reunião ecclesiastica e achava-se muito occupado com alguns negocios de sua provincia. Nem elle tinha outros. Na provincia de Angoulême, fallando de Roma e o Papa, era como se estivesse em sua casa.

«Ainda um dia fallaremos sobre este ponto. Felizes d'aquelles que o ouviram! Terminou aquelle dia, descansando por alguns momentos e fez suas ultimas orações. O padre de Poitiers, que occupava o quarto visinho, ouviu chamar pelo seu nome. Era a hora suprema que se aproximava. O bispo tinha recebido em Roma suas ultimas bençãos.

«Não lhe falta-n nunca, nem o trabalho, nem a paciencia, nem o affecto, nem as grandes alegrias, nem a paz serena que acompanha sempre o homem de bem. Em redor de sua pessoa encontra-se o cortejo inteiro de distincções, de qualidades modestas e sérias que a historia assigna ao homem de merito, que tem a consciencia de si mesmo. O bispo tinha o justo sentimento do seu valor. Sabia claramente o que Deus d'elle queria. Viveu e morreu em paz, fiel a esta luz.»

E' uma penna notavel, prestando o tributo de sua dôr a um grande heroe na virtude. O trance da morte foi curto; durou pouco mais de meia hora. Padecia o illustre finado de grave enfermidade; tinha uma *neurisma*. Chegou a hora, rebentou, e seu corpo finou-se. Foi uma perda para a Igreja, mais ainda para a França, que carece d'estes heroes na luta que traz empenhada contra os emissarios de Satanaz.

Manifestando nosso sentimento por tam dolorosa perda, fazemos votos com o nosso illustrado collega da «Ordem», por um digno successor.

A gazeta mais antiga.—Na bibliotheca da Universidade de Leipzig conservase um exemplar da gazeta allemã intitulada «Relações», que se julga ser a mais antiga. Tem a data de 1494 e traz uma relação da descoberta da America.

Revolução geologica.—Jornaes recebidos do Pacifico narram promenores a respeito da revolução geologica que ultimamente occorreu na republica de S. Salvador, onde em certo dia sentiram-se 200 tremores de terra, durante os quaes surgiu um vulcão no profundo lago de Itopango.

Esses imponentes e desastrosos espectaculos da natureza reproduziram-se no mar. Em Aajulla, ás 8 horas da noite, sentiram-se varias detonações semelhantes a tiros de peça longinquo, de um navio em perigo, reconhecendo-se que a 800 ou 1:000 varas do porto o mar se levantava como se fosse impellido por grande força submarinha. Esse fenomeno repetiu-se quatro vezes, com intervallos de um minuto.

O rio Jiber, que desagua no mar, sahio do leito, alagando uma grande extensão dos seus mangues.

O vulcão de Izalco estava fazendo erupção.

Portuguezes fallecidos.—De 29 de abril a 6 de maio, falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Joaquim Bernardo Infante, 35 a.; s.; Antonio Lourenço, 41 a.; s.; Antonio Ferreira Rola, 42 a.; s.; Constantino Netto, 25 a.; c.; Domingos José Alves, 50 a.; c.; João Gonçalves Bello, 22 a.; s.; Nuno de Medeiros Correia, 42 a.; c.; Joaquim Cardoso da Silva, 50 a.; c.; Manoel Fidalgo da Silva, 32 a.; c.; Antonio da Silva Santos, 25 a.; c.; Antonio Soares da Silva, 26 a.; s.; José Moniz Correia, 47 a.; s.; Manoel Moreira Borges, 32 a.; s.; José Hermano Machado, 14 a.; s.; Maria Balbina, 23 a.; s.; Manoel Moreira de Queiroz, 18 a.; s.; João Maria de Oliveira Carvalho, 16 a.; Theotônio José de Moniz, 50 a.; s.; Francisco José da Silva Pimentel, 52 a.; s.; Albino Antonio de Oliveira, 46 a.; Camilla de Jesus Pereira da Silva, 37 a.; v.; Serafim Moreira, 21 a.; s.; Manoel Victorino de Aguiar, 35 a.; s.; Antonio Rodrigues da Cruz, 45 a.; s.; Leonardo José Coelho, 16 a.; s.; Antonio Fernandes, 28 a.; c.; Manoel Fernandes Martins, 26 a.; Luiz Antonio, 41 a.; c.; João Gonçalves Lemos, 15 a.; João Urbano Tavares de Mattos, 38 a.; c.; José Augusto Neves, 29 a.; s.; Manoel da Silva Moreira, 51 a.; s.; Antonio Izidro, 40 a.; c.; Francisco Barbosa, 54 a.; s.; Manoel de Sousa, 34 a.; c.; Cypriano de Abreu Leite, 31 a.; s.; Maria da Conceição, 28 a.; c.; João Baptista de Abreu, 37 a.; s.; Marcelino Varanda, 23 a.; s.; Manoel Joaquim Laranga, 25 a.; s.; Luiz da Silva, 37 a.; c.; Bernardo Duarte, 24 a.; s.; Antonio de Oliveira, 31 a.; c.

Continuamos com a publicação dos Nomes dos membros do clero, que adheriram ao Protesto do corpo docente do Seminario Conciliar de S. Pedro, d'esta cidade.

Arciprestado de Guimarães (Continuação)

Padre Joaquim José Lopes Pimenta.—O parcho João Antunes Moreira.—O parcho João Evangelista da Costa Veiga.—O parcho João Gomes d'Oliveira Guimarães.—O reitor João Antonio Vaz da Costa.—Padre João José da Fonseca Queiroz.—Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima.—Padre José Joaquim Ribeiro de Castro Meirelles.—O parcho Francisco Ventura de Sousa Marinho.—O parcho João Antonio Domingues.—O parcho João José Lopes Pimenta.—O reitor José Maria da Silva Amorim.—O parcho José Maria

Nogueira.—O parcho Joaquim José de Abreu.—O parcho Antonio Jacome da Costa.—Padre José Alves de Campos.—Padre José Custodio Ferreira Pinto.—Padre Antonio José Vieira Coutinho.—Padre José Antonio de Faria Guimarães.—Padre José Antonio Marques.—O encommendado João Manoel de Souza.—Padre Francisco de Paula e Souza.—Padre Luiz de Barros Magalhães.—Padre Januario Luiz Pereira da Silva.—Padre José Antonio de Souza.—O reitor Torquato José Rodrigues.—Padre Antonio José Rodrigues de Freitas.—O encommendado Paulino Manoel Fernandes Alves.—Padre Antonio José Alves Neves.—O parcho Cosme José Muniz de Antas.—O coadjutor Antonio José Candido d'Almeida.—Padre José Joaquim Fernandes da Costa.—O parcho Francisco Gomes.—Padre José Maria Martins.—Padre Antonio da Cunha Mendes de Oliveira.—Padre Francisco Joaquim de Souza.—O encommendado Constantino Antonio Barbosa.—O reitor Antonio da Costa Mello.—Padre Antonio Vieira de Castro.—O encommendado Joaquim Alvares Cardoso.—Padre Joaquim José da Costa Guimarães.—O encommendado Antonio José d'Oliveira.—O encommendado José Joaquim Martins.

(Continúa)

Reclamo n.º 3

SAUOE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saude.

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

32 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, ventos, flatos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritações intestinaes, bexigas, diarrhéa, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do fígado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue; 90:000 curas entre as quaes contam-se a do duque Pluskow, da ex.^a sr.^a marquez de Brehan, de lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, do professor e doutor Beneke, etc., etc.

Cura n.º 65:311

Vervan, 28 de março de 1866.

Senhor. — Bemdito seja Deus! a sua **Revalesciere** salvou-me a vida. O meu temperamento, naturalmente fraco, estava arruinado em consequencia de uma horrivel dispepsia que durava ha oito annos, tratado sem resultado algum favoravel pelos medicos, declaravam que alguns mezes de vida me restariam, quando a eminente virtude da sua **Revalesciere** me restituiu a saude.

A. BRUNELIERE, cura.

Cura n.º 45:270

Tisica.—M. Roberts, d'uma constipação pulmonar com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.

Cura n.º 74:442

Courmes, por Vence (Alpes-Maritimos), Julho, 1871.

«Depois que fiz uso da sua benefica **Revalesciere**, sinto novo vigor; a laryngite de que soffro ha dois annos tende a desaparecer, assim como os incommodos que sentia em todos os membros.

MEYFFRET, cura».

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 300 reis; de 1/2 kilo 800 reis; de um kilo, 1,600 reis; de 2 1/2 kilos, 3,200 reis; de 6 kilos, 6,800; de 12 kilos, 12,800 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED — Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regen-Street, Londres; Valverde, 1, Madrid.

DEPOSITOS. — **Lisboa:** Serzedello & C.ª, largo do Corpo Santo, 16; Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31 e 32; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12.—**Porto:** John Cassel & C.ª; J. de Sousa Ferreira, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS N'ESTA PROVINCIA:

Bragá: Pipa & Irmão, rua do Souto; Domingos José Vieira Machado, drogista, praça Municipal, 17; Antonio Alexandre Pereira Maia, pharmaceutico, rua dos Chãos, 31.—**Barcellos:** Antonio João de Sousa Ramos, pharmaceutico, largo da Ponte.—

Vianna do Castello: Affonso, droguita, rua da Picota; J. A. de Barros, drogaria, rua Grande, 140.—**Guimarães:** A. J. Pereira Martins, pharmaceutico; Antonio d'Araujo Carvalho mercearia, campo da Feira, 1; José Joaquim da Silva, droguita, rua da Rainha, 29 e 33.—**Ponte do Lima:** A. J. Rodrigues Barbosa, pharmaceutico.—**Valença do Minho:** Francisco José de Sousa, pharmaceutico.

AGRADECIMENTOS

O abaixo assignado, summamente pe-nhorado para com todas as pessoas que o procuraram por occasião do fallecimen-to de seu innocente e presadissimo filho, bem assim aos que se dignaram assistir ao enterro, que teve logar no dia 20 do corrente; não lhe sendo possível, pelo seu estado de saude lh'o não permittir, agradecer pessoalmente, o faz por este meio, manifestando a todos o seu eterno reco-nhecimento.

Braga 25 de maio de 1880.

(275) Antonio Augusto Pereira.

ANNUNCIOS

RECLAMAÇÕES

A junta de parochia de S. João do Souto d'esta cidade, faz saber que se acha em reclamação por espaço de 15 dias, a contar de hoje, a derrama para as despezas da parochia do anno de 1878 a 1879.

Convida portanto os parochianos d'esta freguezia a examinar as colectas que lhes pertence pagar, o que poderão vêr e exami-nar desde as 8 até ás 6 horas da tarde, em casa do thesoureiro da junta, o snr. M. J. Barbosa de Brito, na Praça do Ba-rão.

Braga 24 de maio de 1880.

O presidente

(278) João d'Oliveira e Silva.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA LOMAR

Rua do Souto, 28 e 29

Recebeu directamente do estrangeiro uma linda colleção de lãs para vestidos, linhos, cretons, capas, manteletes, ru-meiras, fichus, sombrinhas, saias de côr e brancas, laços, mantas, vestidos para criança, chapens para snr.^a e criança, grande quantidade de leques para todos os preços, mantas e colarinhos para ho-mem, e muitos outros artigos de moda, que vende por preços muito rasoaveis.

(279)

MONTE-PIO DE S. JOSE'

Per ordem do snr. presidente da Me-za, são convidados todos os socios que estejam no gozo dos seus direitos, a reu-nirem-se em assembleia geral extraordinaria, no dia 6 de junho proximo, pela 1 hora da tarde, na casa da Associação, no largo de Santo Agostinho, afim de se resolver o que convier, relativamente ao fornecimento de medicamentos, confor-me foi requerido por diversos socios.

Braga 28 de maio de 1880.

O 1.º secretario

(280) Joaquim da Silva Gonçalves.

Arrematação

O conselho administrativo do regimen-to d'infanteria 8, faz publico, que no dia 15 do proximo mez de junho, na sala das suas sessões, tem de proceder á arremata-ção dos generos para consumo no rancho do regimento e dietas dos doentes em tra-tamento no hospital militar, e bem assim da lenha para factura do mesmo rancho.

Quartel em Braga 29 de maio de 1880.

O secretario do conselho

Bernardo Osorio,

(282) tenente d'infanteria 8.

PROGRAMMA

DOS

FESTEJOS BRACARENSES

NO

TRICENTENARIO DE CAMÕES

Promovidos pela Sociedade Democratica Recreativa, no seu salão e no Theatro de S. Geraldo

«Vereis amor da patria não movido
«De premio vil, mas alto e quasi eterno».

LUSIADAS, I—X.

Nos dias 8 e 9 de junho, exposição de *edições e versões* de *Camões*, no salão da Sociedade, desde as 9 horas da ma-nhã até á 1 da tarde, e das 4 horas da mesma até ás 8.

A Sociedade illuminará o seu edificio nas duas noites.

Na noite de 10, *sarau litterario e musical* no Theatro de S. Geraldo, com intermeação de *poesias* em cada conferencia.

Apparição da *publicação esplendida*, com que a Sociedade solemnisa litterariamente o dia do *tricentenario*, depois da inau-guração apparatusa do *retrato de Camões*.

A Sociedade illuminará n'esta noute o *theatro*, assim co-mo o largo fronteiro, onde estacionará uma banda musical du-rante os festejos, e continuará a illuminar igualmente o seu edificio, como nas duas noites anteriores.

O sarau litterario começará ás 9 horas: e nas suas suc-cessivas conferencias, em que discursarão com os seus orado-res anteriores alguns de novo, considerar-se-ha a importancia social do tricentenario; *Camões* na bibliographia patria e estran-geira; os *Lusiadas* em suas parodias, e nas suas palavras pe-regrinas; *Camões* como precursor da restauração de 1640, e como soldado e marinheiro, além d'amante estremosissimo. Com estes assumptos tratar-se-hão d'envolta outros analogos, condignos da solemnidade do dia.

Pela manhã, ao meio dia e á noute serão annunciadas estas horas á cidade com salvas de 21 bombas reaes.

Uma banda musical percorrerá tambem opportunamente as ruas principaes da cidade.

Tornarão mais solemnnes estes festejos da Sociedade, ou-tros conjuntos com elles.

O bello jardim do campo de Sant'Anna estará illuminado á noite no dia do tricentenario por iniciativa da Camara Mu-nicipal; e no dia 8 haverá tamem á noute representação con-digna no Theatro de S. Geraldo, por iniciativa dos snrs. Fran-cisco Araujo e Lourenço Moreira: representar-se-hão as peças dramaticas *Camões e o Jau*, de *Casimiro d'Abreu*, e os *Ultimos Momentos de Camões* do nosso *Mendes Leal*.

A banda regimental, por obsequio do Exm.º Coronel do regimento 8, tocará nas tres noutes dos festejos no seu coreto; concorrendo assim para maior abrilhantamento do *tricentenario*, a que nada faltara' das galas proprias da occasião.

No templo do Collegio, a's 10 horas e meia da manhã do dia 10, haverá missa resada, a que tera' de seguir-se um *Te-Deum*; suffragando-se assim as almas dos heroes, que immortalis-saram o nome portuguez na India, e a alma do cantor, que nos *Lusiadas* apregoara ao mundo estas façanhas em epopeia até hoje inexcédida.

(381)

CAMPOS & BRANDÃO

SUCCESSORES DO CACHAPUZ

Receberam variado sortido de ferra-gens nacionaes e estrangeiras, bem assim deposito de vinhos engarrafados, do Alto Douro, qualidade garantida, de 150, 170, 200, 240, 300, 360, 400 e 600.

Idem deposito de camas de ferro do acreditadissimo deposito de João Thomaz Cardoso, bombas para poços, fogões para cosinha, armas e rewolvers, ferros a va-por, bacias estanhadas, e bom sortido de ferro, aço e metaes.

Preços sem competencia.

(142)

GRANDE PECHINCHA

Vende-se dois caleches montados e re-formados de novo, em muito bom uso, juntos ou separados; quem pretender pôde dirigir-se a José Luiz Ferreira, rua das Aguas, onde se podem vêr a toda a hora.

(267)

APPELLO A' COMPAIXÃO

Continúa aberta na casa do snr. José Antonio da Silva Lomar, rua do Souto, n.º 28 e 29, a subscrição em favor da desventurada Ermelinda Carvalho de Ma-galhães, de Eira Vedra, concelho de Vieira.

(223)

NADA DE FOGO



50 anos de bom uso

Linimento BOYER-MICHEL para cava-lhos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestígios do seu emprego MICHEL, pharma-ceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa, o snr. Barreto, Loreto, n.º 8—30. (225)

CAPELLANIA

A Meza administradora do Real San-ctuario do Bom Jesus do Monte faz pu-blico que se acha vago um logar de capellão do mesmo Sanctuario, com o or-denado annual de 180,000 reis, casa para viver, e obrigação de missa diaria com tenção preza.

Os revm.ºs snrs. sacerdotes que o pretendam devem apresentar seus reque-rimentos, com declaração de que se acham habilitados para confesores, ao secretario da Meza, no largo do Paço n.º 4, até ao dia 10 de junho proximo futuro.

Braga 21 de maio de 1880.

O presidente

João de Paiva Faria Leite Brandão.

(262)

SEM COMPETENCIA

ALGODÕES

Pereira, Aguiar & C.^a, tem o deposito da fabrica do Bogio, que vende por jun-to e a retalho (não sendo menos de meio maço), pelo preço da fabrica.

Algodões torcidos de todos os nume-ros.

Tramas.

Tramas cruas e branqueadas de todos os numeros.

Estes algodões tornam-se recommen-daveis a todos os consummidores, por-que são os melhores até hoje conhecidos; e tanto o tem mostrado que para o Por-to tem tido tanto consumo que é im-possível cumprir as encomendas.

O fim da fabrica é tornar os seus al-godões conhecidos em toda a parte do paiz, porque tem a certeza de que os consummidores lhe darão a sua preferen-cia.

(256)

Venda de propriedade

Vende-se a quinta denominada Baixe-tes de Cima, freguezia de Santa Eulalia de Tenões, arrebalde d'esta cidade; tem moi-nhos, é muito bem situada, ficando muito proximo da estrada do Bom Jesus do Monte e da que segue para Chaves.

Para tratar falla-se na mesma. (269)

Um proprietario, expôz á venda vinho verde, só de uvas colhidas nas suas pro-priedades, na terceira loja abaixo do Tri-bunal Judicial.

(277)

VENDA

DA

LAPA DOS ESTEIROS OU DOS POETAS

Volta novamente á praça no 1.º do proximo mez de julho, ao meio dia, a casa e quinta das Cannas, aros de Coimbra, no valor de doze contos de reis, e será *impreterivelmente* entregue n'esse dia a quem mais offerecer sobre a referida quan-tia. A praça terá logar na casa da me-sma quinta, e declara-se que se não ven-de a mobilia, gados, e mais objectos alli existentes; e bem assim se declara que são completamente destituídos de funda-mento os boatos propalados de se toma-rem lanços para depois entregar o predio a certa e determinada pessoa.—*Entrega-se a quem mais der na fórma do presen-te annuncio.*

(266)

Dinheiro a juro sobre hypotheca

N'esta redacção se diz quem dá por juro modico a quantia de um conto de reis; sendo o juro das hypothecas no ter-mo de Braga 5 0/0.

(273)

200,000 REIS

Dão-se a juro de 5 p. c. sobre hy-potheca na confraria de Santo Amaro da Sé Primaz.

(196)